

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 668



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO
ALCANTARA

TEIMOSIA

Por MANUEL FERREIRA

CERTO dia, à porta duma cabilda árabe, houve uma discussão acirrada.

Foi o caso que, nessa tarde, um europeu que andava procurando elementos para um estudo sobre aqueles povos, pediu pousada numa tenda de árabes nómadas que vagueavam pelo oásis de Khaibar.

Conforme os preceitos da sua religião, não podem recusar pousada nem ao maior inimigo. Recolheram o sábio — de nacionalidade germânica — em obediência às suas leis mas, pouco depois, tiveram ocasião de notar que ele era um belo hóspede. Conhecendo perfeitamente a língua árabe, o alemão entreteve a pobre gente da tribo com uma conversa animada. No dia seguinte, pôr-se-ia a caminho no seu automóvel em direcção a Medina.

Depois da refeição da tarde é que se deu a teima. Um camelo, que pas-

tava diante da tenda, foi o motivo da questão. Ao europeu que, pelo visto, antipatisava com semelhantes quadrúpedes e que só julgava as coisas pelas aparências, meteu-se-lhe na cabeça afirmar que considerava o camelo um animal horrendo.

Que fôste dizer! Ridicularizar, diante dum árabe, dum sudanês, dum líbio, o navio do deserto, que assim chamam ao camelo, é incorrer em pronto desagrado.

Palavra puxa palavra, o alemão e um dos árabes, Al-Jafur, recorriam aos argumentos:

— « Já lhe disse que o camelo é feísimo... »

— « Oh, mas, em nome do Profeta, é sóbrio. Contenta-se com ervas, troncos secos, cestos velhos, esteiras, picos, espinhos. »

— « Pois sim. — (retorqui o sábio) Mas come as bananas e, por isso, é preciso defendê-las com sebes de es-

pinho. Fazem estragos nas ervilhas, favas, árvores tenras... »

— « Mas que é isso comparado com a resistência do seu estômago? Come picos que atravessam o coiro do calçado. — retorqui Al-Jafur — Em viagem apenas se sustenta com cevada ou ervas. Semanas inteiras não bebe. »

— « Que horrendo! A galope, atira com o cavaleiro ao chão. Dá mau cômodo o seu andar. »

— « Pois fique sabendo que em quatro luas anda perto de 700 quilómetros, sem descanso. Em pouco tempo, penho-me em Meca ou no mar Vermelho. »

— « Só o aspecto dele, que ridículo! E que cheiro que o camelo deita do corpo... E é tão estúpido — tornou o alemão — Dá urros desagradáveis. É ingrato, tímido, teimoso. »

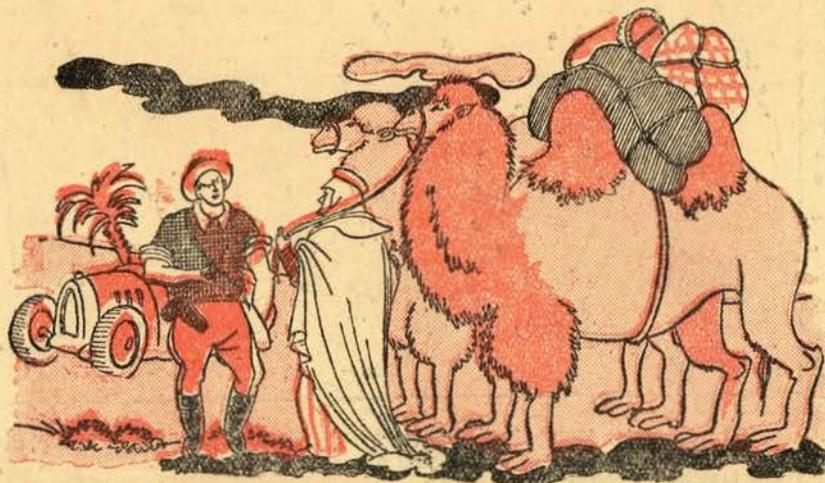
— « Será tudo isso. — (retorqui o árabe) — Mas dele tudo se aproveita. Come-se-lhe a carne, bebe-se-lhe o leite, aproveita-se-lhe a pele, que é o coiro de que se fazem as nossas tendas. Dos pêlos desse animal, a que chama horrendo, fazem-se mantas, tecidos, e enchem-se os colchões onde muitos europeus dormem. »

O sábio estava furioso com a argumentação de Al-Jafur. Alta noite, deitaram-se todos, e, na manhã seguinte, o alemão quis gratificar o dono da tenda. Mas o árabe opôs-se por a sua consciência não lho permitir.

Encaminhou-se para Medina. Porém, o pior de tudo é que o automóvel teve grossa avaria. Abandonado no deserto, já desesperava, quando viu Al-Jafur com dois camelos.

— « Quere ir para Medina? »
— « Sim, de facto. »

— « Então, já estamos perto. Daqui a horas, veremos o casario da cidade. O senhor fica de guarda ao carro enquanto eu vou a Medina buscar um homem



LAMENTAÇÕES DA MIMI

Por FRANCISCO VENTURA

EU tenho uma bonequinha
Linda e muito engraçadinha.

Tem olhos que abrem e fecham,
Boquinha côr de romã,
Senta-se, deita-se e dorme
E diz papá e mamã.

Mas estou muito zangada
Aqui com minha
Vizinha,
Que ela, invejando a boneca
Que a menina agora tem,
Mandou vir, ontem à noite,
Uma boneca também.

E é mais bonita que a minha,
Pois tem olhos como a gente,
Tôda de carne molinha
E chora e dizem que sente.
Ao passo que esta que eu tenho,
De lábios côr de romã,
É dura, não sente nada,
Só diz papá e mamã.

Não sente, não, que a menina
Já um dia a experimentou:
Piquei-a com alfinetes
E ela nem sequer chorou.



Por isso é que eu estou zangada
Aqui com minha
Vizinha.
Não devia ter inveja
De eu ter uma bonequinha.

Pois a inveja é coisa feia
Que só nos traz muito mal.
A inveja neste mundo
É um pecado mortal.

Mas deixem que eu, qualquer dia,
Hei-de chamar o Papão!

E a boneca da vizinha
Há-de levar-lha na mão.
Se a vizinha
É já grandinha
Não precisa de boneca...
Tenho ou não tenho razão?



que faça andar *isso*. Aqui lhe fica uma porção de carne e uma pinga de leite para se reconfortar.

— «De que animal?» — perguntou o alemão, esquecendo-se de que, naquelas circunstâncias, não podia ser exigente.

— «De camelo.» — responderam Al-Jafir.

Se não fôsse a velocidade do meu camelo, difficilmente chegava a Medina.

Embora lhe repugnasse, o alemão tinha comido já a carne do animal a que chamava horrendo e bebeu o leite até à última gota. Com o árabe

vinha o mecânico que reparou a avaria e, daí a pouco, o automóvel pôs-se em marcha.
Quando, na manhã seguinte, o sábio

alemão chegou a Medina, compreendeu que havia sido muito estúpido em julgar as coisas apenas pelas aparências.

A D I V I N H A



O explorador Mátatudo foi caçar ao mato mas apareceram-lhe, na frente, um bicharoco de tão grandes proporções que até assustou o destemido caçador. Que bicharoco será?...

EPISÓDIOS e ANEDOTAS da HISTÓRIA de PORTUGAL

Por SALVADOR SABOYA

Desenhos de ROCHA VIEIRA

O «Pim-Pam-Pum» honra-se hoje com a transcrição de alguns trechos do livro cujo título encima esta página, e que «Editorial Século» acaba de pôr à venda, recomendando a interessante e instrutiva obra aos papás dos seus pequeninos leitores.

INSENSATEZ REPRIMIDA

Estando o rei D. Sebastião em Almeirim, teve conhecimento de que um dos habitantes da vila matara um veado na coutada real. Com o seu fogoso ardor, que o conduziu à perdição e tantas desgraças trouxe a Portugal, imediatamente o jovem monarca expediu uma ordem a D. Martinho Pereira, governador da Justiça, para que, no dia seguinte, mandasse executar o delinquente. D. Martinho leu a ordem e lançou-a em seguida ao fogo da braseira a que se estava aquecendo. O moço de câmara que de tal sentença fora portador, admirado do que presenciara, perguntou que resposta devia transmitir a D. Sebastião, voltando-lhe o governador que devia apenas referir o que vira fazer.

Assim cumpriu o moço de câmara e o rei, exasperado, mandou chamar D. Martinho à sua presença e perguntou-lhe se era verdade ele ter queimado a sua ordem.

— Sim, senhor, respondeu o recto fidalgo, e entendo que prestei um bom serviço a Vossa Alteza, para que se não veja algum dia um papel em que, com a sua assinatura, esteja lavrada sentença de morte contra um homem por causa dum bruto.

Reconheceu o rei a sensatez da resposta e agradeceu a D. Martinho a zelosa e prudente resolução que tomara.

U M M A U F I L H O

João Alvares, filho dum almocreve, conquistou, pelo seu muito saber e pela sua grande inteligência, um

lugar de grande destaque na corte de D. João II, que o favoreceu de forma a que pudesse reunir avultados cabe-

dais, adquirindo importantes herdades no Alentejo, que lhe davam apreciável rendimento. Mas, assim que atingiu uma tão boa situação, envergonhou-se da humilde condição do pai, e em lugar de o chamar para junto de si e de repartir com ele o muito que possuía, achou melhor para a sua vaidade deixar de lhe falar.

Sucedeu, porém, que, um dia, indo D. João II de Évora para Estremoz e levando na comitiva o aludido João Alvares, que cavalgava um formoso ginete, ricamente ajaezado, passou por eles, a meio caminho, o pobre almocreve, que ia com as suas bestas carregadas e, vendo o filho, respeitadamente tirou o barrete, fazendo-lhe uma grande cortesia, sem que João Alvares se dignasse corresponder, simulando não o ter visto.

O rei, que reparou no incidente, cuidou de informar-se da razão do que vira, e, quando soube do baixo procedimento do seu cortesão, indignou-se sobremaneira e fez afastar de



(Continua na página 7)

PERIPECIAS DE TOBIAS FILÓSOFO

POR ISABEL AREOSA
DESENHOS DE ARCINDO



TOBIAS-filósofo, aquele grande sábio que tanto vos tem divertido com as suas distrações, andava aflitíssimo por que os ratos não o deixavam dormir. Mal apagava a luz, os roedores não

paravam:

Trre... trre... trre... trre...
Era um martírio.

Sabendo Tobias filósofo que o gato é o maior inimigo do rato, arranjou meia dúzia de bichanos, meteu-os na casa e encarregou a porteira de lhes ir dar de comer e beber todos os dias. Depois abandonou a casa por alguns meses.

— «So voltarei quando os gatos tiverem destruído todos os ratos!» dizia Tobias, de si para si.

Passados meses, Tobias-filósofo regressou. Meteu a chave na porta e, ao abri-la, o seu espanto foi enorme:

As gatas tinham tido cada uma três ou quatro gatinhos! Os bichanos tinham-se assim multiplicado e pela casa toda era um inferno de «miaus» muito pior que o trre... trre... dos ratos.

Tobias-filósofo desesperado com este inesperado resultado, resolveu abandonar de vez a casa e alugar outra. Mas aí é que foram elas: — A casa estava infestada de baratas que lhe roíam os livros, os papéis e os mapas.

Para não andar todos os dias a mudar de casa, Tobias-filósofo resolveu ir à farmácia comprar qualquer coisa que matasse os prejudiciais insectos.

Chegado à farmácia, pediu ao farmacêutico:

— «Meu caro, dê-me um insecticida que não seja caro.»

— «Ora essa — retorquiu o farmacêutico — eu sou eu, não sou um insecticida!»

— «Mas quem diz que você é insecticida?»

— «Então você depois de me cha-

— «Baratas em drogas não temos.» — retorquiu o farmacêutico.

— «Oh, senhor! Não é isso! Baratas de mais tenho eu lá em casa! O que eu quero é um remédio para baratas que custe pouco dinheiro!»

— «Mas para as curar, ou para as matar?»

— «Ah! Como você pediu um remédio... e os remédios costumam ser para curar... Enfim, não tinha compreendido. Ora para matar baratas não há nada como a naftalina.»

— «Isso, dê-me isso!»
E o farmacêutico deu a Tobias-filósofo um pacote cheio de naftalina em bolas.

No dia seguinte, Tobias-filósofo voltou à farmácia e, furioso, depôs sobre o balcão o pacote de naftalina:

— «Venho devolver-lhe a sua naftalina!»

— «Então?!...»

— «Troque-me isto por outra coisa. Não sou bom atrador.»

— «Mas...?!»

— «Já lhe disse, isto da naftalina só com muita prática!»

— «Ora essa! Prática de quê?»

— «Então cada um é para o que nasce. Eu não tenho boa pontaria.»
O farmacêutico olhou para Tobias-filósofo como se ele tivesse enoidecido, mas ainda acrescentou:

— «Com franqueza, não compreendo.»

Tobias, impaciente, deu um murro sobre o balcão e vociferou:

— «Oh, senhor! Tem pouco que compreender. Passei a noite a atirar as bolas de naftalina às baratas e não consegui acertar em nenhuma.»



mar «meu caro» pede um insecticida que não seja «caro»!

— «Não me fiz compreender. O que eu quero é que V. me venda quaisquer drogas para baratas, que sejam baratas.»



FIM

HISTÓRIA DO CRIADO DO PATIFE

Por ALÍPIO ROSETE



DA TRADIÇÃO POPULAR

ERA uma vez um lavrador, casado, que tinha um criado, muito patife que se ocupava no serviço de guarda-porcós.

O lavrador andava sempre com os olhos nele.

Um dia passou junto do criado um negociante de porcós e perguntou-lhe se os queria vender. Vai o criado respondeu:

— «Vendo-os, com uma condição: — consentir que eu fique com os rabos e as orelhas dos porcós vendidos.»

O negociante nenhuma objecção pôs a esta condição e realizou-se o negócio.

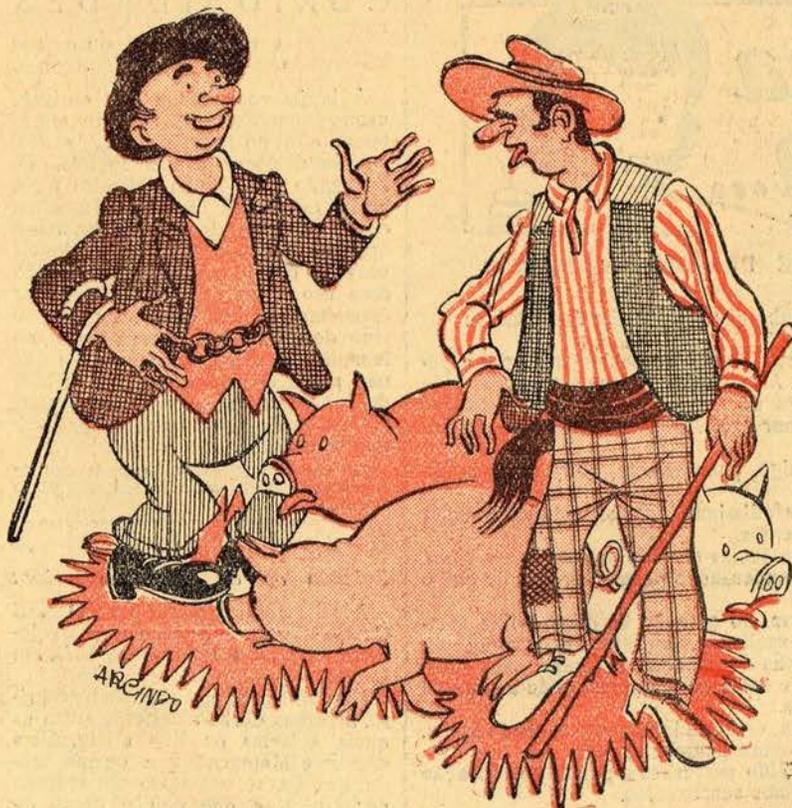
Partiu este para a feira com os porcós sem orelhas e sem rabos, e o criado dirigiu-se a um grande lamaceiro, onde espetou os rabos e as orelhas. Em seguida dirigiu-se para casa do patrão, contando-lhe que os porcós tinham caído no lamaceiro. Veio o patrão, pôs-se a puxar os rabos com tanta força que caiu de costas. Então, disse o amo ao criado:

«Corre a casa e dize á patrão que te entregue duas enxadas para desenterrarmos os porcós.»

O criado chegou a casa e disse:

— «Patrão, o patrão mandou dizer que me entregue já duas bôlsas de dinheiro.»

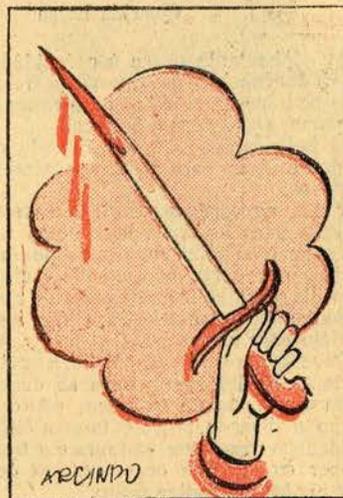
(Continua na página 7)



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



A vida humana é sagrada,
Não o deveis esquecer,
Portanto, maldita a esp...
Que, para a roubar, se erg...!

Não matará!.. Brada aos céus,
Sangue humano derramar.
Não roubais o que só D...
Tem o poder de cri...!



Se teu irmão contraditas,
Fá-lo indulgente, com calma,
Porque ôle, se tu lhe gr...
Quererá levar-te á p...!

Que a lusa gente recorde,
Vida fóra, êste conceito:
Embora a mente dis...
Nunca se falta ao resp...!

O CESTINHO DA COSTURA

◆ ◆ ◆ Secção para meninas por ABELHA-MESTRA ◆ ◆ ◆

Querida Luisa

Achei bastante graça à coincidência de ter recebido pelo mesmo correio dois pedidos de modelos para roupas de cama, destinadas a bonecas.

Já hoje satisfaço o teu, ficando o da Judite Assis para um dos próximos números.

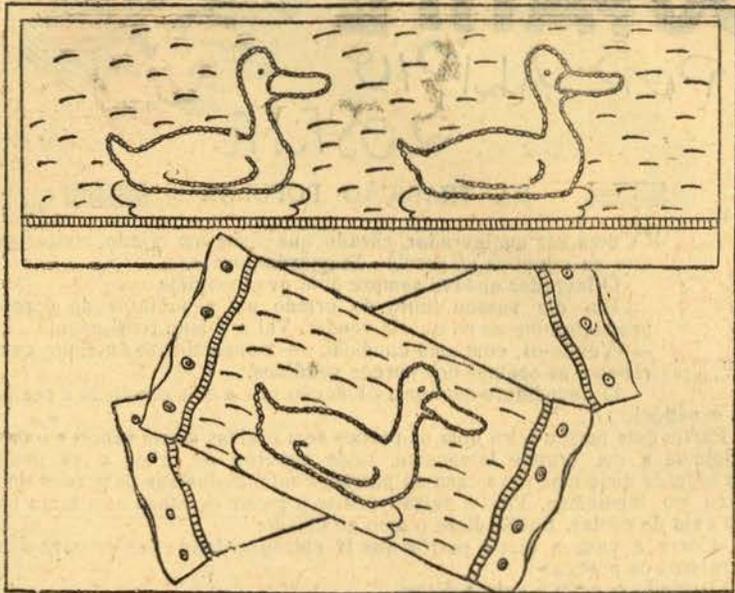
Podia, na verdade, servir o mesmo modelo para as duas, mas como tu pedes um com baíña aberta e a Judite outro com recorte — (como ela muito bem diz, para se ir aperfeiçoando em trabalhos pequeninos) — irá, então, um modelo para cada uma.

Deve seguir-se-lhes a cólcha, a qual, certamente, irá servir para as duas.

Da execução do trabalho, pouco tenho a dizer-te, pois limita-se a dificuldade a fazer um «a-jour» e a trabalhar os fatinhos com ponto pé de flôr e com «filoselle» prêto.

Os traços que representam a água, fazem-se em alinhavos verdes.

Sempre tua e de tôdas as abelhinhas, grande amiga,



Abelha Mestreira



Por GRACIETTE BRANCO

Minha querida Menina Portuguesa:

Não estejas zangada comigo pelo meu silêncio tão prolongado, mas acredita que não me tenho esquecido de ti. Alguns afazeres me têm afastado do teu grato convívio, entre eles a abertura do «Curso de Dicção», onde nem tôdas as Meninas Portugêsas podem tomar parte, como, por exemplo, tu, minha querida Menina da província.

Mas eis-me agora a conversar contigo, pacatamente, neste cantinho do nosso querido «Pim Pam Pum».

Já sei que tôdas vocês andam atarefadíssimas com os estudos e muita alegria me dá saber-vos aplicadas e diligentes.

Muitas vezes os vossos Pais, fazem bastantes sacrifícios para que a vossa instrução seja completa. Que melhor compensação podeis dar-lhes do que o vosso aproveitamento?!

Tu, minha querida Menina Portuguesa, no coração de quem brilha, sempre firme e bem clara, a estréla da consciência, do senso, e da noção do Dever, deves manter impecável a tua linha de conduta, mostrando, aos olhos aturridos do mundo inteiro, a serenidade casta do teu perfil; onde a alma da tua Raça imprimiu o selo da Imortalidade.

Tu, minha querida Menina Portuguesa, és boa e inteligente e, sendo assim, tens os dois predicados mais importantes para triunfar na vida.

Não te cegues com tôlas vaidades. Não perturbes a paz do teu coração com invejas ou quaisquer outros mesquinhos sentimentos.

(Continua na página 7)

CURIOSIDADES

A BARBA E O CABELO DOS HOMENS EM PORTUGAL

A barba comprida, até à cintura, usou-se em Portugal durante muito tempo e foi no reinado de D. João IV que se começou a usar bigode. D. Fernando I foi quem primeiro fêz a barba entre nós. D. Pedro II acabou com o uso geral das barbas grandes e ordenou o das cabeleiras. D. João I usava o cabelo cortado, introduzindo esse uso entre os portugueses. Por esse tempo, D. João I, de Castela, tendo sido derrotado pela nossa gente, ao lamentar-se dessa derrota, dizia que não podia conformar-se com a ideia de haver sido vencido pelos *chamorros*, palavra que, em castelhano, significa *tosquiados*.

(Do livro: — *Episódios e Anedotas da História de Portugal*, recentemente pôsto à venda.)

A DIVINHA

Solução da do número anterior:

ANTÓNIO FELECIANO DE CASTILHO. — Nasceu a 23 de Janeiro de 1800 e faleceu em 1875, em Lisboa.

Notabilizou-se por, além de ter escrito, algumas obras clássicas, entre as quais «*Cartas de Eco a Narciso*,» «*Amor e Melancolia*» e outras produções, haver composto um método de leitura, a que deu o nome de «*Método Português Castilho*.»

Lê, minha menina... ANEDOTA

(Continuação da página 6)

Cultiva, com aproveitamento, as horas do teu dia, que é essa a maneira de gozares, com tranquilidade, as horas do teu sono.

Sê superior, sem vaidade; sê boa, sem exhibições. Aprende a ser camarada e a amar o próximo com lealdade e dedicação.

E termino a minha conversa que, por se ter alongado tanto, não me deixou espaço para a correspondência.

Fica para o próximo número.

Continuo a receber inscrições para o «Curso de Dicção.»

Amiga certa

GRACIETTE.

História do Criado patife — (Continuação da página 5)

A patrão, que era desconfiada, retorquiu-lhe:

— «Isso é mentira.»

— «Venha comigo áquele outeiro, de onde pode avistar o patrão e verá se não é certo.»

A mulher acompanhou o criado e quando ambos chegaram á vista do patrão, aquêlé gritou:

— «O patrão, uma ou duas?»

— «Duas, duas.» Respondeu o patrão.

A patrão entregou ao servo as duas bolsas de dinheiro.

O criado tomou outro caminho e comprou um borrego, ao qual tirou as tripas, que meteu entre a camisa e o corpo. Mais adiante encontrou gente conhecida, a quem se mostrou penalizado por ter roubado o patrão. Tirou então dos bolsos uma navalha, meteu-a no ventre, e disse:

— «Para correr mais depressa.»

E das tripas saiu muito sangue e o rapaz pôs-se a correr ainda mais do que até aí correria.

As pessoas viram aquilo e continuaram o seu caminho, penalizadas pelo que o rapaz a si próprio fizera e admiradas de que êle corresse mais depressa.

Mais adiante encontraram o patrão, que lhes perguntou se tinham visto o criado.

— «Vimos, vimos! Para correr mais depressa, deu uma navalhada nas tripas e agora corre como um gamo.»

— «Ah! êle é isso?! Pois faço já o mesmo.»

E, dando uma navalhada nas tripas, caiu morto.

Os vizinhos foram contar á viúva o que sucedera ao marido. Ela chorou muito e o criado continuou a correr sem parar.

Um mau filho — (Continuação da página 3)

si João Alvares, intimando-o a que lhe não aparezesse mais, porque o homem que desprezava o pai e lhe não prestava auxílio, podendo fazê-lo, não

merecia a consideração de pessoa alguma.

Depois disto, João Alvares viu-se forçado a isolar-se numa das suas propriedades, onde veio a acabar mal, porque o vieram a assassinar alguns dos seus trabalhadores, durante uma contenda, por motivo de pagamento de salários.

PEDIDO IMPORTANTE

Filipe II de Espanha, que, por morte do cardinal-rei, usurpou a coroa portuguesa, entrou uma vez em certa aldeia da nossa Estremadura e, por ter anoitecido, tomou pousada em casa dum abastado lavrador, onde foi muito bem acolhido. Ao retirar-se, quis retribuir as atenções de que fôra cercado e, para tal, disse ao dono da casa que podia pedir a mercê que entendesse, pois, se fôsse justa, lha concederia.

Como os membros da comitiva real lhe tinham, em tão poucas horas, feito um considerável estrago na fazenda,

o lavrador respondeu ao monarca:

— «Senhor, a única mercê que peço é que, se Vossa Magestade houver de passar outra vez por estes sítios, não se lembre de pernhoitar nesta aldeia, ou, pelo menos, em minha casa.»



Encontro entre dois amigos:

O 1.º — Então como vai a tua vida?

O 2.º — Assim, assim; ora em cima, ora em baixo...

O 1.º — Ah! Tens tido então alternativas?

O 2.º — Não, sou empregado dum elevador.

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

INSTRUÇÕES

O nosso engraçado «Bate-pratos» arma-se com uma grande facilidade, bastando examinar bem a gravura para se ter uma ideia da sua construção.

Cola-se, claro está, primeiramente as duas partes do boneco em cartolina forte.

Em seguida, por meio duns ataches, seguram-se por dentro, nos pratos, (2), duas chapinhas de folha, após o que se dobra o boneco pelo meio e se colam as faces da cabeça uma na outra.

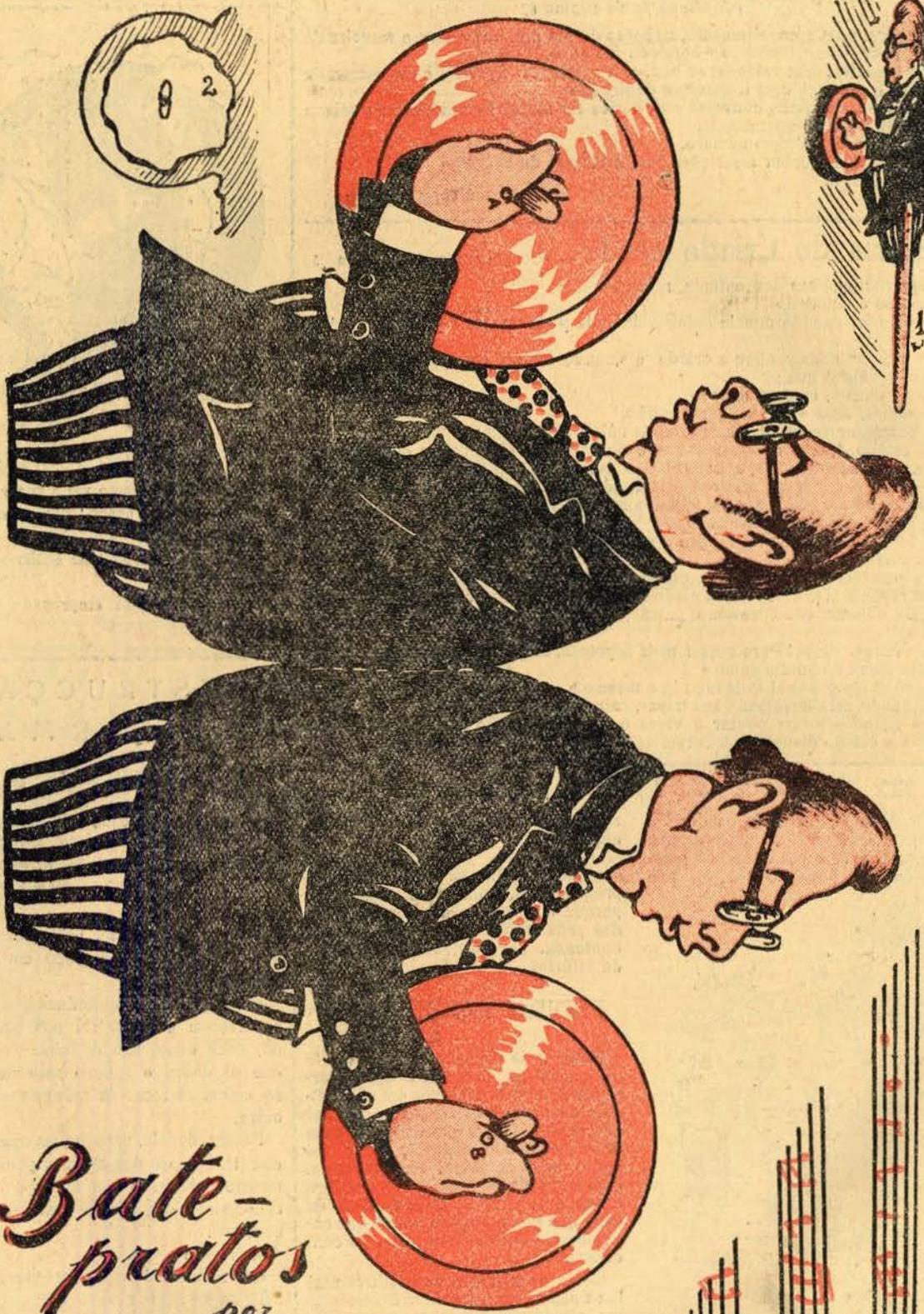
Façam, depois, um pau com uma racha (1), como o dos abanos, podendo mesmo aproveitar um deles, e prendam-no ao «Bate-pratos» como está no esquema.

E pronto!

O seu manejo é simples, como sabem.

Resta-me agora avisá-los de que não devem ir para junto de «gente crescida» tocar pratos, quando não... sim... não sei se me entendem: — arriscam-se a ficar sem êles.





*Bate-
pratos*

por

TAVARES LINTO.